

## *O Centro Dom Vital nos tempos de Alceu Amoroso Lima (1928-1950)*

João Miguel Teixeira Godoy<sup>1</sup>  
Bruna Aparecida Miguel<sup>2</sup>

DOI: <http://dx.doi.org/10.4025/rbhranpuh.v10i28.32011>

**Resumo:** O objetivo deste artigo é duplo. Em primeiro lugar, demonstrar e analisar quais as principais transformações pelas quais passou o Centro Dom Vital com a mudança de seu diretor-presidente. A saber, após a morte de seu fundador, Jackson de Figueiredo, a gerência da instituição ficou sob responsabilidade de Alceu Amoroso Lima. E num segundo momento, busca-se apresentar também quais as principais atividades desenvolvidas pelo Centro dos idos da década 1930 até meados dos anos 1950.

**Palavras-chave:** Centro Dom Vital. Leigos. Catolicismo.

### **Dom Vital Centre in times of Alceu Amoroso Lima(1928-1950)**

**Abstract:** The purpose of this article is twofold. First, analyze and demonstrate that the major transformations undergone by the Dom Vital Centre with the change of its CEO. Namely, after the death of its founder, Jackson de Figueiredo, to manage the institution it was the responsibility of Alceu Amoroso Lima. And a second time, also seeks to present what the main activities developed by the decade 1930 gone the center until the mid-1950s.

**Key-words:** Dom Vital Centre. Lay people. Catholicism.

### **Centro Vital Dom en tiempos de Alceu Amoroso Lima (1928-1950)**

**Resumen:** El propósito de este artículo es doble. En primer lugar, analizar y demostrar que las principales transformaciones experimentadas por el Centro Vital Dom con el cambio de su CEO. Es decir, después de la muerte de su fundador, Jackson de Figueiredo, para gestionar la institución era responsabilidad de Alceu Amoroso Lima. Y una segunda vez, también busca presentar cuáles son las principales actividades desarrolladas por la década 1930 han ido al centro hasta mediados de la década de 1950.

**Palabras-llave:** Dom Centro Vital. Laicos. catolicismo

<sup>1</sup>Docente do PPG em Ciências da Religião e da Fac de História da PUC-Campinas. Doutorado em História pela USP. Email: joaomigueltgo@yahoo.com.br.

<sup>2</sup> Mestre em Ciências da Religião pelo PPG em Ciências da Religião da PUC-Campinas. Email: bruna.smiguel@hotmail.com.

Recebido em 20/05/2016 - Aprovado em 25/10/2016

## Introdução

Os acontecimentos que exerceram influência nas questões religiosas e, sobretudo, delinearão os novos rumos da Igreja Católica ao longo do século XX, são desdobramentos de profundas transformações políticas ocorridas na sociedade brasileira no final do século XIX e nos primeiros anos do novo século.

O advento da proclamação da república no país e a promulgação da carta constitucional de 1891 exerceu forte influência sobre os rumos do catolicismo no Brasil, o qual desde o início do período colonial ocupava espaço considerável na estruturação da sociedade. Entretanto, esta condição foi legalmente alterada com a separação oficial entre a Igreja e o Estado.

Os desdobramentos deste rompimento configuram-se como uma situação ambígua. Se por um lado, o catolicismo perdeu o seu status de religião oficial da nação e com ele todo o amparo estatal, Riolando Azzi completa dizendo que “[...] desta forma, a Igreja perdia os privilégios que gozara durante quase quatro séculos” (AZZI, 1994, p. 40).

Olhando de outra perspectiva, a ruptura da Igreja com o Estado proporcionou a emancipação da tutela do regime de padroado, o qual impossibilitava o desenvolvimento de uma autonomia por parte da hierarquia eclesiástica e limitava consideravelmente sua atuação, uma vez que suas decisões dependiam de uma autorização prévia da Coroa, e até mesmo os regimentos vindos da cúria romana passavam pelo filtro do Estado.

O novo contexto impulsionou a Igreja a buscar alternativas para prosseguir sua missão e se expandir. Foi necessário repensar-se enquanto Instituição, reestruturar sua administração interna. (LUSTOSA, 1991, p.12). Este panorama registra brevemente os principais obstáculos enfrentados pela Igreja Católica no início da república e sinaliza um novo momento da História da Igreja no Brasil.

O historiador brasileiro Scott Mainwaring em seu livro “A Igreja Católica e a Política no Brasil” traz uma importante contribuição teórica para o entendimento da trajetória da Igreja ao longo do século XX. Mainwaring classifica o período de 1916 a 1955 como *Neocristandade*, e o período de 1955 a 1964 recebe o nome de *Igreja Reformista* (MAINWARING, 1989, p. 11).

O período denominado como Neocristandade tem seu início marcado com a publicação da Carta Pastoral de Dom Sebastião Leme, este modelo de Igreja apresentou como suas principais preocupações estava a necessidade de recatolicizar as instituições sociais, e a busca por reafirmar o seu prestígio frente à sociedade brasileira. Neste momento destaca-se também a decisão de setores da Igreja que passou a valorizar o

elemento leigo e abriu espaços para sua atuação. O laicato, segundo Riolando Azzi, teve um papel crucial na afirmação da presença católica nos meios políticos e sociais, sendo responsáveis por influenciar o pensamento da população brasileira (AZZI, 1981, p. 12; MAINWARING, 1989, p. 41). Arduini argumenta ainda que a inclusão dos leigos nos quadros religiosos “[...] possuía um significado especial, pois representava a coroação de um processo de reconstrução da influência católica no cenário político nacional iniciado com o fim do padroado em 1891”. (ARDUINI, 2009, p. 40)

Em meio a este contexto, a articulação de um grupo de leigos católicos levou, em 1921, a criação de uma revista de orientação católica, denominada *A Ordem*, e no ano seguinte, foi fundado o Centro Dom Vital, o qual foi “[...] designado a reunir a intelectualidade católica na luta por maior influência da Igreja nas diretrizes políticas e sociais do país, visando sempre à salvaguarda dos interesses eclesiais” (AZZI, 1994, p. 28).

### ***A origem da revista A Ordem e do Centro Dom Vital***

Conforme já mencionado, juntamente com o nascer do século XX, surgiram inúmeras transformações para Igreja Católica no Brasil, a qual viu a necessidade de uma reestruturação de sua administração interna. E, sobretudo, foi um período em que a Igreja por meio de seu projeto de recatolicização tentou de muitas formas dominar o ensino, a política, entre outras esferas e Instituições.

E foi circundado por este contexto que um grupo de intelectuais leigos, inspirados pelos ideais do arcebispo Dom Sebastião Leme e liderados por Jackson de Figueiredo, funda a revista *A Ordem*, no mês de agosto de 1921, na capital da república (RODRIGUES, 2005, p. 138).

*A Ordem* nasceu da necessidade de se ter um meio de expressão e divulgação do ideário do grupo. Aparece em cena num momento em que o catolicismo brasileiro contemplava um quadro de baixíssima produção intelectual leiga sobre a Igreja Católica. É importante ser ressaltado que até a segunda década deste século, a grande maioria dos intelectuais brasileiros estava associada a correntes positivistas ou evolucionistas, as quais foram fortemente recusadas pelos católicos. A Igreja carecia de uma frente intelectual atuante. Francisco Iglésias, ao considerar o quadro nacional, que em número contava com uma relevante maioria católica, escreveu: “a inteligência nacional não é católica: se não é hostil à Igreja, é-lhe indiferente” (IGLESIAS, 1971, p. 132).

É interessante observar que próprio nome do periódico evoca a bandeira levantada por Jackson de Figueiredo, a qual coloca a ordem proporcionada pela religião como a solução para a anarquia vigente (LIMA, 1957, p. 60).

A revista foi bem aceita entre os fiéis católicos e aprovada pelos bispos, inclusive pelo próprio Dom Sebastião Leme (AZZI, 2003, p. 99-98). Em linhas gerais, representou

a primeira manifestação intelectual leiga que passou a debater as questões e problemáticas enfrentadas pela Igreja Católica e, ainda, esta produção foi marcada por um forte teor de defesa dos princípios católicos.

A restauração católica dos anos 1920 baseou-se na tendência conservadora de seus líderes, num culto ao passado e a tradição, o qual era contrário a qualquer revolução ou evento da modernidade secular que colocasse em cheque os princípios cristãos católicos. De acordo com o estudo de Mônica Pimenta Velloso, a frequente retomada do passado pode ser abarcada a partir do significado concedido pelo grupo de leigos, que é o de “criador de valor”, sendo assim, este passado não deve apenas ser salvo do esquecimento, mas também vivido no presente (VELLOSO, 1978, p. 157).

E foi com esta visão que Jackson de Figueiredo se impôs socialmente e conseguiu agrupar vários intelectuais sob o mesmo pensamento, pelo menos nos primeiros anos (SALEM, 1982).

De acordo com Candido Moreira Rodrigues, a revista pode ser vista como um dos principais mecanismos de atuação da Igreja naquele período, responsável para divulgação das propostas de reordenação do país aos moldes cristãos católicos. Esta imagem era mantida também na medida em que os intelectuais que compunham seu corpo de colaboradores propagavam a ideia de que eles eram os únicos a propor soluções e novos rumos ao país (RODRIGUES, 2005, p. 16).

No ano seguinte do lançamento da revista, em abril de 1922, também sob a liderança de Jackson de Figueiredo, e apoio de um grupo de intelectuais, entre eles: Hamilton Nogueira, Jonatas Serrano e Perilo Gomes<sup>3</sup>, foi fundado o Centro Dom Vital<sup>4</sup>, o qual além do corpo de leigos, alguns anos depois passaram contar também com o apoio eclesiástico do Padre Leonel Franca (AZZI, 2003, p. 42).

A finalidade inicial foi a de criar uma biblioteca católica e também funcionar como uma editora de livros católicos em geral. Os intelectuais d’A Ordem eram os

---

<sup>3</sup>Hamilton Nogueira (1897-1981). Médico de profissão, formado pela Faculdade de Medicina do Rio de Janeiro, em 1918. Trabalhou um tempo em Minas Gerais, voltando para o Rio de Janeiro ingressou-se no Hospital Pedro II, onde permaneceu por vinte anos. Foi também professor universitário, livre-docente a partir de 1929. Concomitantemente, conheceu Jackson de Figueiredo, o qual foi responsável por seu engajamento no grupo de intelectuais católicos que estava se formando, inclusive foi um dos colaboradores na fundação do Centro Dom Vital. Ver: AZZI, R. *Os pioneiros do Centro Dom Vital*. Rio de Janeiro: Educam, 2003. p. 73-79.

<sup>4</sup>Jonatas Serrano (1885-1944). Formou-se em direito em 1907, mas seguiu carreira no magistério. Foi membro do Conselho Nacional de Educação, docente da Faculdade de Santa Úrsula. Nos anos 1920, tentou frequentar o Centro Dom Vital, mas suas ideias eram muito divergentes das defendidas por Jackson de Figueiredo. Voltou a colaborar com o Centro e com a revista A Ordem somente após a morte do fundador. Ver: Ibid. p. 115-118.

<sup>5</sup>Perilo Gomes (1890-1952). Foi um colaborador direto na fundação do Centro Dom Vital e da Revista A Ordem, desempenhando função de secretário de ambos. Escreveu vários livros e foi um dos primeiros a encarar o projeto de Dom Leme de propagar o pensamento católico na sociedade em geral. Ver: Ibid. p. 105-106.

mesmos que atuavam no Centro Dom Vital, e o que movia este grupo (nos anos iniciais) era um objetivo em comum: o ideal de contribuir para a recatolicização do Brasil (AZZI, 2003, p. 99).

Nas palavras de Sobral Pinto, intelectual da época: *“O Centro D. Vital apareceu, então, no horizonte do pensamento cultural da comunidade nacional, exatamente para reagir contra essa degradação espiritual da nossa terra e da nossa gente”* (AZZI, 2003, p. 94). Este pequeno trecho traz indícios relevantes sobre a visão dos intelectuais no momento da fundação do Centro, deixando seus objetivos de combate a tudo que pudesse corromper os princípios católicos.

Com passar dos anos, o Centro foi ganhando mais adeptos e conquistando maior expressão, tornando-se um importante núcleo de debates entre a intelectualidade católica leiga e membros do clero. O estudo feito por Monica Velloso contempla o Centro e a Revista como os anunciadores de um novo tempo cunhado na arregimentação e no fortalecimento do “elemento leigo” como uma força significativa (VELLOSO, 1978, p. 121).

Tanto o Centro, quanto a revista simbolizaram uma novidade no sentido de serem encabeçados por leigos. E foi em torno do Centro Dom Vital que emergiu nos anos 1920, um dos grupos de intelectuais leigos católicos mais influentes na História da América Latina. Na caracterização de Mainwaring, o centro foi *“um instituto católico pequeno, mas de grande influência no desenvolvimento da Igreja e na política”* (MAINWARING, 1989, p. 46).

Nos primeiros anos a revista e o Centro estiveram sob a liderança de Jackson de Figueiredo, o qual era também seu presidente. De acordo com Wellington Teodoro da Silva, durante este período a revista possuía um perfil religioso e político, ou seja, direcionada à formação religiosa e à argumentação de combate a qualquer manifestação revolucionária (SILVA, 2008, p. 557).

Quando seu percurso foi inesperadamente interrompido, sobre este episódio, Hamilton Nogueira, intelectual leigo contemporâneo de Jackson, escreveu:

faleceu aos 37 anos, no dia 4 de novembro de 1928, num domingo radioso [...] Jackson fora passear em companhia de seu filho Luis, então com 9 anos, e de Rômulo. Ao lançar a linha com o anzol, escorregou e caiu ao mar. Era dia de ressaca. Jackson lutou até ser vencido pela impetuosidade da correnteza. Exausto, não podia mais lutar. Seu filho e

<sup>4</sup> O centro adotou este nome em memória e homenagem ao bispo de Olinda, Dom Vital, o qual foi protagonista nas lutas em defesa do catolicismo no final do século XIX.

Rômulo viram-no fazer o sinal da cruz e desaparecer (AZZI, 2003, p. 50-51).

Após a morte de Jackson, Alceu Amoroso Lima foi procurado por Périco Gomes e Hamilton Nogueira para assumir a presidência d'A Ordem e do Centro Dom Vital, e a faz por um longo período de 1928 a 1964.

Sobre este novo período que se inicia, no dia 26 de fevereiro de 1929, o arcebispo Sebastião Leme escreveu a seguinte consideração, a qual foi publicada na Revista A Ordem:

Ao ingressar no seu oitavo anno de existencia, 'A Ordem' inicia igualmente uma nova phase transformando-se em órgão exclusivo de cultura catholica. Seu novo director Tristão de Athayde (Dr. Alceu Amoroso Lima) é uma das mais altas afirmações de intelligencia e de cultura da moderna geração de escriptores brasileiros e um devotado combatente das hostes de Jesus Christo. (LEME, 1929, v. 1, p. 384).

Conforme já anunciado por Dom Leme, as mudanças não se restringem apenas a figura do editor, mas a abordagem geral da revista, ou seja, propiciando transformações em seu perfil. Passou-se de um viés doutrinal político-religioso e conservador - características dos anos em que foi dirigida por Jackson de Figueiredo -, para dar uma ênfase maior nas questões sociais, culturais e religiosas, tal como defendeu Alceu Amoroso Lima (AZZI, 1994, p. 132; RODRIGUES, 2005, p. 137; VELLOSO, 1978, p. 119; ARDUINI, 2014, p. 60).

Cabe ressaltar, conforme já anunciado por Dom Leme, as mudanças não se restringem apenas a figura do editor, mas a abordagem geral da revista, ou seja, propiciando mudanças em seu perfil. Passou-se de um viés doutrinal político-religioso e conservador, para dar uma ênfase maior nas questões sociais, culturais e religiosas (AZZI, 1994, p. 132; RODRIGUES, 2005, p. 137; VELLOSO, 1978, p. 119).

Cabe ressaltar ainda que os católicos leigos que na segunda década do século XX lutaram contra as tendências da modernidade, denunciando os perigos das ideologias do mundo secular, e ao longo dos anos 1940, passaram a ganhar espaço elaborando um pensamento fundado na "liberdade" e princípios democráticos. A intelectualidade católica, impulsionada pelo novo momento histórico, percebeu a necessidade de uma articulação entre a fé devocional e a vida social. A incorporação das problemáticas sociais tornaram-se mais frequentes em seus discursos e ações. (AZZI, 2003, p. 77-8).

Mesmo depois destes grandes expoentes históricos, a revista e o Centro continuaram suas atividades. Sendo que o outro momento que caracteriza o periódico transcorre desde 1974 até os dias atuais, têm-se os seguintes destaques: Eduardo Prado de Mendonça foi presidente do Centro de 1967 a 1971; Heráclito Sobral Pinto assumiu em seguida e ficou até 1991; desta data até 2001, a direção ficou nas mãos de Tarcísio Padilha; e num curto período de 2011 a 2013, Luiz Paulo Horta foi o grande representante. No ano de 2014, Carlos Frederico Calvet da Silveira assumiu a direção do Centro e continua até o momento<sup>5</sup>.

A relevância histórica e religiosa de abordá-la como objeto de estudo estabelece-se justamente neste sentido de ter sido pioneira nos estudos sobre os assuntos religiosos a partir da perspectiva de um leigo católico ou convertido. E conforme salienta Monica Velloso, a revista lida pelos pesquisadores como um núcleo de difusão dos ideais de um grupo, fornece elementos para a análise das especificidades do momento em que os textos foram produzidos (VELLOSO, 1978, p. 118).

### ***O Centro Dom Vital da década de 1930***

Com a morte inesperada de Jackson de Figueiredo, fundador e diretor do Centro e da revista *A Ordem*, Alceu Amoroso Lima foi designado para coordenar estes órgãos, os quais, segundo os escritos da época, foram fundamentais na formação de uma nova mentalidade cristã no Brasil. A nova administração trouxe novos ares, novos rumos e a continuidade do apoio e assistência de Dom Leme, pontos estes que detalharemos um pouco mais adiante (Notícias do Centro Dom Vital, 1958, v. LIX, n. 6, p. 55).

Entre os anos de 1957 e 1958, Alceu publicou n'*A Ordem* uma coletânea especial de doze artigos intitulada "*Notas para a história do Centro Dom Vital*", cujo objetivo voltava-se não apenas para lembrar as principais ações, posturas e dificuldades do Centro, desde que o recebeu, oito dias após o acidente de Jackson, em 1928. Pretendia, sobretudo, realizar um balanço geral e uma reflexão no sentido de redefinir rumos e princípios de ação, num contexto que se apresentava como novo.

Para iniciar os escritos sobre a trajetória do Centro e algumas reminiscências pessoais sobre sua também nova fase como intelectual cristão católico, Alceu Amoroso Lima comenta sobre algumas personalidades que se destacaram e contribuíram com seu amadurecimento espiritual. Dom Leme é, também neste caso, o personagem de destaque. Alceu faz uma breve comparação: "*Se Jackson era o oposto do meu próprio temperamento, senti no Cardeal, não o Pastor, ou o Príncipe da Igreja, nada disse. Senti o pai, o irmão, o amigo, o homem que punha Deus ao meu alcance*". (LIMA, 1957, v. LVIII, n. 5, p. 58).

---

<sup>5</sup> Presidentes do CDV. Disponível em: <<http://centrodomvital.com.br/page/2/>>. Acesso em 26 de janeiro de 2015.

Alceu afirma que nunca negou sua missão, contudo também não deixa de assinalar a existência de receios. Neste mesmo texto, escreve que o Centro sempre enfrentou dificuldades para manter-se, mas se por ventura eles não tivessem contado com o apoio de Dom Leme, a caminhada seria ainda mais dura. (LIMA, 1957, v. LVIII, n. 5, p. 59).

Embora Jackson tenha influenciado muito na conversão de Alceu, este último sempre deixou claro que não havia uma coerência entre as perspectivas e desejos de cada um. Sendo assim, inevitável seria que não houvesse mudança na linha defendida pelo Centro Dom Vital após a mudança de diretor.

No pensamento de Jackson de Figueiredo, as ações do Centro deveriam estar ligadas a uma *intenção política* e, neste âmbito, o seu papel seria o de defender o **princípio de autoridade**, algo tão característico daquele momento histórico e dos ideais de Jackson, possuidor de uma posição considerada reacionária, não tolerando os eventos da modernidade e nem o liberalismo político (LIMA, 1957, v. LVIII, n. 5, p. 62; LIMA, 1957, v. LVIII, n. 6, p. 37-8). Alceu Amoroso, alguns anos após assumir a direção do Centro Dom Vital e da Revista A Ordem, relatou sobre as divergências entre os seus ideais e o posicionamento firmemente defendido por Jackson de Figueiredo, escreveu:

O espírito contra-revolucionário de Jackson de Figueiredo se lançaria contra a revolução literária, como se lançou contra a revolução política. Ainda aí ficamos em pontos **opostos**, êle e eu. Jackson defendia uma reação clássica, como defendia uma reação autoritária. Não podia tolerar a liberdade modernista, como não tolerava o liberalismo político. Fazia garbo de sua posição reacionária. [...] Quando, em 1921, deu o nome que ainda hoje conserva, à sua revista, sua intenção era essa: **lutar contra a Desordem em todos os domínios**". (LIMA, 1957, v. LVIII, n. 6, p. 39).

E esta intenção pode ser observada também na declaração dos membros do Centro, pois quando se referem aos anos iniciais de sua fundação, o Centro é caracterizado por ter uma posição fundamentada na ideia de “cristianizar a cultura brasileira” (Notícias do Centro Dom Vital, 1958, v. LIX, n. 6, p. 55). Em resumo, o Centro, segundo o seu fundador, deveria defender a moral e a ordem nas esferas da sociedade, e combater a tudo àquilo que fosse contrário a Igreja Católica.

Porém, esta maneira de apresentar-se socialmente e orientar sua ação foram completamente reformulados sob a direção de Alceu, o qual confessa, em certa passagem de seu texto, que o **princípio de liberdade** era o mais coerente a ser defendido, dado

tantos acontecimentos marcantes que o colocaram em xeque já início do século XX, como por exemplo, a Primeira Guerra Mundial (1914-1918) e a Revolução Russa (1917). (LIMA, 1957, v. LVIII, n. 5, p. 62-3).

Sob a nova orientação de Alceu Amoroso Lima, o Centro vai paulatinamente tomando novos rumos, inicialmente abandonando todos os vínculos políticos partidários e concentrando-se apenas no plano doutrinário, visando interferir de maneira mais efetiva nos debates sobre os rumos da cultura brasileira. (LIMA, 1958, v. LIX, n. 1, p. 63). Esta ruptura além de aparente ao analisarmos as atividades e publicações do Centro Dom Vital nos anos que se seguiram, ela foi em vários momentos comentada pelo próprio Amoroso Lima, como na passagem: “*Desejo, desde logo, acentuar essa radial divergência com o meu [...] amigo [...]*” (LIMA, 1957, v. LVIII, n.5, p. 62).

Alceu deu continuidade às reuniões com os sócios do Centro, sempre às sextas-feiras. O grupo recebeu alguns novos adeptos, mas ainda continuava com poucos sócios. Estes encontros obedeciam a certo rigor, inclusive o folheto utilizado pelos membros recebia o nome de “A liturgia do Centro Dom Vital”, nele constava como elementos básicos: o Rosário, a recitação da Ladainha de Nossa Senhora e a Oração dos intelectuais. (LIMA, 1958, v. LIX, n. 1, p. 64).

Além da parte espiritual, nestas reuniões também se promoviam debates; liam-se os escritos, textos e cartas deixadas por Jackson de Figueiredo, por exemplo. Buscavam novas interpretações. Havia também um espaço para comentários sobre os autores que mais os influenciaram a se juntar a este grupo que colocava a religião católica como a grande mestra.

E foi através destas conversas que o espírito de *reação*, marcado pelas ideias de Jackson, foi dando espaço ao espírito de *renovação*, voltado para o futuro e não mais apenas mirando-se no passado.

Sobre esta nova concepção, escreveu Amoroso Lima: “*Viu-se então que os novos rumos do Centro tinham mesmo de ser no sentido de o libertar dos laços e rumos pragmáticos ou político-partidários, para cuidar mais de perto e de alto, da verdadeira restauração ontológica dos valores*” (LIMA, 1958, v. LIX, n. 1, p. 66).

Para Alceu era preciso libertar-se da esfera política, no que diz respeito a partidos e demais implicações, pois o verdadeiro sentido do Centro não era o de defender a restauração de uma ordem política, mas sim o de prezar por uma “instauração espiritual”. Na visão de Amoroso Lima, uma justificativa para existência do Centro é a sua ação no campo espiritual.

E esta revisão nos valores e objetivos, fez com o que o próprio conceito de “ordem” tão utilizado por Jackson fosse repensado e readequado por Alceu: “[...] a *Ordem para nós só tinha um valor de meio e não de fim. Era uma lei, uma relação, um caminho,*

*um método de ação, e não um objetivo a alcançar, uma finalidade última a atingir*” (LIMA, 1958, v. LIX, n. 1, p. 68). Se num primeiro momento o termo *ordem* foi utilizado como o objetivo a ser alcançado mediante as ações daquele grupo, a conotação dada a esta mesma palavra nos tempos de Alceu foi invertida, sinalizando a maneira como devem caminhar as atividades do laicato católico.

Uma maior estabilidade se deu à medida que conseguiram alugar um espaço e estabelecer reuniões regulares. Inicialmente era uma saleta na Av. Rio Branco, depois mudaram para um sobrado um pouco maior, na esquina da Rua do Ouvidor. Com o objetivo era aprimorar as atuações desenvolvidas pelo Centro, Amoroso Lima arrisca dizer que estas atividades foram precursoras da Ação Católica oficial<sup>6</sup>. (LIMA, 1958, v. LIX, n. 2, p. 65).

Quando mencionado que a atenção do Centro Dom Vital passou a direcionar-se para o futuro, isso estava relacionado à sua nova orientação, dedicando-se à geração jovem<sup>7</sup> e não mais consumindo energia em buscas por atuação política. Neste sentido, uma das primeiras iniciativas se deu no campo universitário<sup>8</sup>, onde organizou-se “[...] como primeiro núcleo de irradiação do Centro Dom Vital, a ‘Ação Universitária Católica’, a A.U.C.”, no ano de 1929. (LIMA, 1958, v. LIX, n. 2, p. 65).

Universitários dos cursos de direito, medicina e engenharia participavam de reuniões na sede do Centro Dom Vital. Este grupo, com o intuito de conquistar um maior número de adeptos, discutir e difundir suas ideias, fundou a sua própria revista, denominada “Vida”. (Plano de Ação, 1934, n. 1, p. 1). Cabe ressaltar ainda que no contexto dos anos 1930, o principal enfrentamento dos auctistas<sup>9</sup> foi os comunistas, os quais também conquistavam espaço no meio acadêmico. (LIMA, 1958, v. LIX, n. 2, p. 67).

Os membros do Centro estavam sempre em busca de ampliar seu espaço físico e de atuação, foi quando, em 1932, conseguiram se instalar no famoso casarão antigo da Praça 15<sup>10</sup>, e foi neste local, onde permaneceram por vinte anos, que o Centro passou por momentos de considerável expansão institucional. (LIMA, 1958, v. LIX, n. 3-4, p. 94).

---

<sup>6</sup> LIMA, A. A. Notas para a história do Centro Dom Vital V. A Ordem. Rio de Janeiro, v. LIX, n° 2, p. 65, 1958.

<sup>7</sup> Nos termos da época, também chamada de mocidade.

<sup>8</sup> LIMA, A. A. Notas para a história do Centro Dom Vital V. A Ordem. Rio de Janeiro, v. LIX, n° 2, p. 65, 1958.

<sup>9</sup> Auctista é um termo utilizado na época, corresponde aos membros da A.U.C.

<sup>10</sup> Famosa no sentido de que a casa foi historicamente diversas vezes ocupada. Inicialmente pelos frades carmelitas, nos fins do século XVI; quando a Família Real veio para o Brasil, esta foi a residência de D. Maria I; foi também sede do Instituto Histórico e da Sociedade de Geografia; abrigou durante um tempo a Faculdade Livre de Ciências Jurídicas e Sociais. Ver: LIMA, A. A. Notas para a história do Centro Dom Vital VI. *A Ordem*. Rio de Janeiro, v. LIX, n° 3/4, p. 95-97, 1958.

Os anos iniciais da década de 1930 são lembrados por conta de seus diversos acontecimentos na esfera política, todavia, aqui nos concentraremos aos fatos que estiveram mais diretamente relacionados à trajetória do Centro Dom Vital propriamente dito. Em maio de 1932, apresentou-se para a sociedade mais uma novidade: a fundação do Instituto Católico de Estudos Superiores. (LIMA, 1958, v. LIX, n. 5, p. 63; ARDUINI, 2009, p. 41).

Com o apoio clerical, a ideia de oferecer cursos sobre temáticas religiosas e filosóficas como, por exemplo, o Tomismo<sup>11</sup>, tornou-se realidade. E foi na presença de personalidades como Dr. Fernando de Magalhães, reitor da Universidade do Rio de Janeiro; Pe. Leonel Franca; Dom Sebastião Leme; Núncio Masella, que o Rio de Janeiro presenciava pela primeira vez cursos superiores nas áreas de teologia, filosofia e sociologia. Do ponto de vista dos objetivos relacionados à formação do leigo e disseminação cultural, este foi um grande salto. (LIMA, 1957, v. LVIII, n. 2, p. 14).

Nesta oportunidade veio da Alemanha para o Brasil, em 1931, o monge beneditino D. Martinho Michler, o qual foi responsável pelas aulas sobre liturgia no Instituto, a partir de 1933. Cabe aqui ressaltar que este foi o primeiro curso de liturgia oferecido para leigos no Brasil. (ISNARD, 1946, ano XXVI, n. 12, p. 5-7).

Aconteceu neste mesmo ano um retiro para os jovens da AUC, no qual D. Matinho organizou um evento renovador em termos de liturgia, “*realizou a primeira missa versus populum (na qual o sacerdote está virado para a assembleia) do Brasil, bem como introduziu, objetivando o mesmo público universitário, a celebração semanal da ‘missa dialogada’ no São Bento*”. (COSTA, 2006, p. 144). E pouco a pouco este novo estilo foi aderindo mais adeptos entre as Dioceses do país, em São Paulo, por exemplo, os membros da JUC participaram de uma missa dialogada. Belo Horizonte, Uberaba, Belém do Pará também tiveram suas celebrações. (ISNARD, 1946, ano XXVI, n. 12, p. 10).

O monge beneditino trouxe muitas novidades para o país, apesar da ala mais conservadora do catolicismo não aceitarem suas idéias, estas encontraram terreno para sucesso entre seus jovens alunos (COSTA, 2006, p. 144-5). A nova temática resultou na formação de um grupo denominado “Centro de Liturgia”, dentro da AUC, e em proporções ainda maiores iniciou-se o Movimento Litúrgico<sup>12</sup> em terras brasileiras. (ISNARD, 1946, ano XXVI, n. 12, p. 8-9).

<sup>11</sup> Doutrina filosófica ou teológica fundamentada nas ideias de São Tomás de Aquino.

<sup>12</sup> O Movimento Litúrgico pregava a necessidade de promover a participação ativa dos fiéis durante o culto oficial da Igreja Católica. Este movimento encontrou grandes dificuldades e resistências entre grupos clérigos e até leigos, uma vez que suas propostas abalavam o clericalismo presente há muitos anos. Ver: AZZI, R.; VAN DER GRIJP, K. *História da igreja no Brasil*: ensaio de interpretação a partir do povo. Petrópolis: Vozes, 2008. p. 500-501.

Somente a título de complementação sobre a situação do Instituto, o qual passou por dias de glória entre os anos 1930, conforme podemos contemplar no estudo de Arduin alguns dados sobre a atuação do Instituto, bem como os seus reflexos posteriores:

No final de 1934, este mesmo Instituto contava com cinco cursos: Teologia, Filosofia, Liturgia, Sociologia e Biologia, somando um total de cerca de 180 alunos. Em resumo, o Instituto fazia parte de uma estratégia de expansão da rede de ensino superior católico, que tomava forma com a fundação de diversas faculdades confessionais em Porto Alegre (1931), São Paulo (1933) e no Rio de Janeiro. Nesta localidade se fundaria, no início da década de 1940, a primeira Universidade Católica, em parte como resultado da experiência anterior do Instituto. (ARDUINI, 2009, p. 41).

Entretanto, na década seguinte, segundo afirmações publicadas pela própria revista *A Ordem*, as ações diretamente e localmente ligadas ao Instituto Católico de Estudos Superiores modificam-se: “[...] o Instituto, apesar de ter conseguido sobreviver ao tempo, não tem hoje [1946] nem de longe a relevância que teve nos seus primeiros anos” (ISNARD, 1946, ano XXVI, n. 12, p. 6). O autor continua argumentando que mesmo assim, o Instituto não pode deixar de ser considerado quando se é analisado o pensamento católico no Brasil.

Cabe ressaltar aqui, que não é pretensão desta pesquisa verticalizar a investigação sobre todas estas instituições citadas, mas de apresentar um panorama geral dos grupos que surgiram e se desenvolveram ao redor e/ou em conjunto com o Centro Dom Vital dos anos 1930 em diante, para assim possibilitar uma reflexão se este importante órgão de expressão do laicato católico multiplicou-se, ampliando (mesmo que temporariamente) seus raios de atuação; ou o que houve foi uma diminuição de sua relevância.

Ao continuar o estudo de sua atuação e posicionamentos, além das já mencionadas iniciativas, o Centro foi responsável também por organizar conferências mensais, com o Pe. Leonel Franca<sup>13</sup>. Os assuntos discutidos variavam entre problemas familiares como o divórcio; vida sobrenatural; a temática sobre Psicologia da Fé também

---

<sup>13</sup> Leonel Franca foi uma personalidade de grande estima para os membros do Centro Dom Vital. “Foi nosso grande conselheiro de todos os dias, como o foi o Cardeal Leme”. Ver: LIMA, A. A. Notas para a história do Centro Dom Vital VII. *A Ordem*. Rio de Janeiro, v. LIX, nº 5, p. 63, 1958.

era bastante cogitada, comenta Alceu em sua coletânea de artigos publicada ao longo de um ano na revista *A Ordem*. (LIMA, 1958, p. 63).

Na sala de entrada da sede do Centro, foi fundada a Livraria Anchieta, segundo as declarações da época foi criada para atender aos intelectuais com “bons livros” nacionais ou estrangeiros e, sobretudo, com livros que interessassem as discussões deste grupo (*A Ordem*, 1936, n. 72, p.273). Em ambiente intelectual a boa leitura deve ser preservada, portanto ainda neste ramo, foi idealizada mais uma organização, a Associação de Bibliotecas Católicas (ABC), cujo objetivo era estimular a formação de bibliotecas de cunho católico, bem como oferecer livros e demais produções a estes estabelecimentos.

Ideias congruentes com as ações daqueles leigos, porém não conseguiram alcançar o âmbito prático em sua plenitude<sup>14</sup>, não ultrapassando os limites do pequeno balcão de atendimento na sede do Centro D. Vital. (LIMA, 1958, v. LX, n. 1, p. 52; ATHAYDE, 1935, n. 58, p. 352).

Alceu Amoroso Lima arisca-se a uma breve avaliação deste período que o Centro esteve sobre sua administração: *“fico pensando no passo enorme que foi dado, de 1929 para cá, nesses trinta anos, pela recuperação de uma espiritualidade mais pura e mais forte e por uma prática religiosa mais efetiva”*. (LIMA, 1958, v. LIX, n. 6, p. 40). Relembrando que estas palavras de Alceu remontam para o final da década de 1950.

Na sequência, diz que são nos momentos de crise que devemos lembrar-nos de todos os fatos já conquistados, pois assim não seria colocada em xeque toda a estrutura, fortificada entre seus altos e baixos. Assim o Centro D. Vital cresceu e se desenvolveu, passando dos aproximados cinquenta sócios em 1928, quando Alceu Amoroso Lima assumiu a presidência, para mais de quinhentos membros filiados em meados da década de 1930. Além dos cursos e discussões intelectuais, os sócios do Centro buscaram fortalecer a espiritualidade também, a prática do retiro foi repetida anualmente. (ATHAYDE, 1935, n. 58, p. 348)

No campo da atuação social, tivemos a Confederação Nacional de Operários Católicos, as quais estiveram à frente da contenção da ideologia comunista nos meios urbanos (LIMA, 1958, v. LX, n. 1, p. 52). Dentre as pretensões desta organização estava a formação de sindicatos católicos, procuradorias de trabalho, centros de assistência e, sobretudo, a fundação das chamadas “Casas do Operário”. (ATHAYDE, 1935, n. 58, p. 350).

Além da Confederação, formaram-se também as Equipes Sociais, compostas pelos jovens da AUC, embora com decisões autônomas, as Equipes integravam aos quadros do Centro D. Vital. Definidas em uma publicação da revista *A Ordem* como:

---

<sup>14</sup> LIMA, A. A. Notas para a história do Centro Dom Vital IX. *A Ordem*. Rio de Janeiro, v. LX, nº 1, p. 52, 1958.

*“Circulo[s] de estudo, de amizade, de vida em commum entre estudantes e operários, estabelecem o contacto entre classes sociaes e permitem aos moços levar a esses meios, onde já se abandonou a escola pelo trabalho, a cultura [...]”*.(ATHAYDE, 1935, n. 58, p. 350-1).

Segundo este mesmo artigo, esta é umas das atividades sociais de maior repercussão, no ano de 1935, por exemplo, já contava com doze núcleos de atuação no Rio de Janeiro.

Ao longo destes anos o Centro, juntamente com outras instituições católicas leigas, criou a Coligação Católica Brasileira, a qual vigorou até a oficialização da Ação Católica, no ano de 1935, a partir deste momento a AC passou arregimentar as instituições, sobre a qual falaremos mais adiante.

Após comentar sobre as mudanças e o aperfeiçoamento observado no campo social, intelectual e religioso dos membros e amigos do Centro Dom Vital, faz-se necessário oferecer mais um momento de ênfase sobre a questão política. Conforme já mencionado, Alceu decidiu afastar o Centro de qualquer enlace partidário, porém argumenta que não é porque o Centro não teve diretamente um alinhamento político partidário, que a política é-lhe indiferente.

No contexto do governo provisório de Vargas foi elaborado e publicado anonimamente um manifesto chamado “Reivindicações Católicas”. Pouco tempo depois este documento serviu como esboço para a organização da Liga Eleitoral Católica (LEC), a qual não se tratava de um partido político. Sua pretensão era orientar os votos segundo os preceitos católicos. Uma descrição mais detalhada pode ser encontrada no tópico seguinte deste artigo.

Como podemos notar as atividades que direta ou indiretamente estavam ligadas ao Centro Dom Vital são de uma diversidade considerável. No ano de 1935, Dom Sebastião Leme, obediente aos clamores do Papa Pio XI, fundou no Brasil o movimento Ação Católica. E se “diversidade” pode ser um bom adjetivo para sua atuação, a “mudança” também é uma palavra constante.

A sede da Ação Católica foi também no mesmo casarão da Praça 15, em sentido figurado *“o Centro deixou a sala-mestra, para se instalar numa das laterais [...] para marcar nitidamente a sua condição de associação auxiliar da Ação Católica”* (LIMA, 1958, v. LX, n. 3, p. 62). Ao contrário de algumas instituições que desapareceram e outras que foram incorporadas, como é o caso da AUC que deu origem a JUC (Juventude Universitária Católica), o Centro D. Vital permaneceu ativo por muitos anos, e continua até a atualidade (LIMA, 1958, v. LX, n. 4, p. 54). *“O Centro ia assim fazendo o seu papel de semeador [...]”*, conforme dizia seu diretor-presidente. (LIMA, 1958, v. LX, n. 3, p. 63).

A terminar, são destacadas duas citações sobre a continuidade dos projetos do Centro e seus objetivos traçados por Alceu Amoroso Lima. O primeiro é um pequeno

trecho do discurso proferido durante o evento da Semana de Inauguração dos trabalhos do Centro Dom Vital, em 1957, trouxe a seguinte mensagem sobre as transformações do Centro D. Vital ao longo dos anos:

para que saibamos, todos, continuar a missão do Centro Dom Vital, cujos frutos não tem sido pequenos, mas que poderão ser cada vez mais numerosos se soubermos corresponder à graça de Deus e à esperança que já em nós depositam tantas e tantas pessoas, não apenas no Rio, mas em todo o Brasil (BARBOSA, 1957, v. LVIII, n. 2, p. 10).

No ano 1958, Alceu pontua que:

Os novos rumos que tentávamos imprimir eram indicados [...] pela **Liberdade**, pela **Universalidade** e pela **Paz**. Até hoje creio que são esses os pontos capitais que desejo manter como guias, entre outros, da nossa rota, na base da **filosofia tomista**, da **ação católica** e do **movimento litúrgico**. (LIMA, 1958, p. 66).

### ***Entre as dificuldades da década de 1940 e a esperança dos anos 1950***

O Centro foi o grande incentivador e formador do pensamento católico leigo. Durante sua trajetória, ele passa por um movimento oscilatório entre perdas e ganhos; entre períodos de crise e momentos em que a esperança de continuar seu projeto é renovada. E assim também se apresentou a década de 1950.

Os membros do Centro Dom Vital ainda não tinham superado plenamente as perdas importantes que tiveram há alguns anos antes: em 1942 faleceu o Cardeal Leme, e em 1948 também deixava a vida o Pe. Leonel Franca. Salvo suas particularidades, ambos foram fundamentais no desenvolvimento do Centro e do movimento leigo. A imagem e o exemplo deixado por estes homens foram frequentemente recordados nas páginas d'A Ordem, seja em artigos específicos, citações ou referências a ideias e pensamentos defendidos por eles.

E os anos 1950 se iniciaram com uma notícia de grande abalo, depois de vinte anos, o Centro teve que deixar sua sede na Praça 15 (Registros e Comentários, 1952, v. XLVIII, n. 6, p. 77). Neste mesmo local ficaram instalados de 1932 até 1952, aonde além das atividades do Centro Dom Vital e da redação ininterrupta da revista *A Ordem*, chegaram a abrigar movimentos de grande relevância do apostolado leigo como, por exemplo, a Ação Católica Brasileira, a Liga Eleitoral Católica, a Associação dos

Professores Católicos, as Equipes Sociais, o Movimento Litúrgico, entre outras organizações da Coligação Católica Brasileira. (LIMA, 1957, v. LVIII, n. 2, p. 16).

Todavia, era preciso tirar do passado ensinamentos e olhar sempre para o futuro, conforme mensagem deixada por Alceu Amoroso Lima quando escrevia as suas “Notas para a história do Centro Dom Vital”. (LIMA, 1957, v. LVIII, n. 4, p. 50-5).

E muito embora a década de 1950, para os intelectuais do Centro, teve um início um tanto quanto turbulento, estes mesmos anos acolheram transformações e uma nova fonte de esperança para dar continuidade aos seus projetos, bem como a presença de uma nova organização eclesial em terras brasileiras.

Retornando ao assunto sobre a sede do Centro D. Vital, no final da década de 1950, depois de longos 35 anos peregrinando por diversas casas, eles conquistaram um endereço fixo, um espaço para poder alojar a sua sede.

Nas páginas d’*A Ordem* foram publicados os discursos proferidos durante a semana de inauguração, entre 17 e 24 de junho de 1957 (*A Ordem*, 1957, v. LVIII, n. 2, p. 5). Alceu Amoroso Lima inicia sua exposição lembrando de uma passagem: “*mais de uma vez ouvi da boca do nosso inesquecível Cardeal Leme a declaração de que, a seu ver, a maior das virtudes humana era - a gratidão*”<sup>15</sup>, e continua sua fala agradecendo por aquele momento, por ter se tornado realidade o sonho de 1922; agradece a personalidades que marcaram a trajetória do Centro, entre eles: Jackson de Figueiredo; Dom Leme é novamente referido; Cardeal Jaime Câmara (*A Ordem*, 1957, v. LVIII, n. 2, p. 11-12). E continua manifestando suas impressões:

hoje realizamos o sonho de 35 anos de nomadismo: uma casa própria, um chão e um teto nossos, uma mesa em torno da qual possamos reunir a família e umas cadeiras em que se possam sentar os amigos e convidados, que ansiamos por incorporar à nossa família (LIMA, 1957, v. LVIII, n. 2, p. 12).

A alegria era grande, porém os encadeamentos deste acontecimento foram maiores ainda. A certeza de uma sede trouxe a tranquilidade de poder permanecer lutando por seus ideais, além de que implicou positivamente em sua organização, e conforme publicado na seção “Notícias do Centro Dom Vital” da revista *A Ordem*, esta nova sede permitiu “*realizar mais amplamente os [...] objetivos de formação do apostolado leigo*” (Notícias do Centro Dom Vital, 1958, v. LIX, n. 2, p. 73). E mais ainda, simbolizou a

---

<sup>15</sup> Ibid., p. 11. 1957.

garantia de permanência da Instituição, e de sua fidelidade aos seus objetivos (Notícias do Centro Dom Vital, 1958, v. LX, n. 1, p. 63).

Entretanto, além da estrutura física foi necessário investir e renovar outros campos para que o Centro pudesse novamente ter dias prósperos. Um aspecto de grande importância e que não pode deixar de ser considerado, foi a fundação de uma nova instituição associada ao Centro, denominada “Ala Moça”, porém dada a sua relevância falaremos sobre esta mais adiante.

Ainda na década de 1950, os intelectuais do Centro Dom Vital lançaram uma campanha para aumentar o número de sócios, uma vez que o número de mensalidades recebidas não estava sendo suficiente para honrar todos os gastos da Instituição (Notícias do Centro Dom Vital, 1959, v. LXII, n. 4, p. 59).

A ação recebeu o nome de “Campanha dos mil sócios”, seus objetivos eram bastante claros, ultrapassar os aproximados 650 sócios da década de 1950 e chegar a marca dos desejados mil contribuintes. Em contrapartida, cabe lembrar que já há vários anos o Centro oferecia benefícios aos seus sócios como, por exemplo, descontos em teatros, livrarias e outras instituições culturais. (Notícias do Centro Dom Vital, 1955, v. LIV, n. 5, p. 92).

Em síntese, durante esses anos o Centro conquistou uma sede própria; arregimentou a criação de uma associação de moços e moças formalizados dentro de seus princípios; lutou com campanhas para continuar atuante em sua cidade natal; porém como se sabe o Centro espalhou-se por outros Estados, e na década de 1950, obtiveram mais uma conquista neste sentido, foi fundado um Centro Dom Vital de João Pessoa sob liderança professor José Rafael Menezes, no ano de 1957, o qual iniciou suas atividades com o curso de Cultura Humanística. (Notícias do Centro Dom Vital, 1958, v. LIX, n. 6, p. 57).

### ***As atividades do Centro Dom Vital***

O Centro Dom Vital organizava e desenvolvia uma gama bastante completa de atividades destinadas aos seus sócios e interessados em geral. Para ficar de mais fácil entendimento a listagem de alguns exemplos destes encontros, dividimos aqui em dois grupos, conforme os interesses: eventos de cunho intelectual, cultural e informativo; e os que seguiam uma vertente espiritual e religiosa.

Para este primeiro grupo, destacam-se as palestras, as conferências de sexta-feira à noite e os encontros em geral, ministrados por intelectuais do Centro ou não, por brasileiros ou estrangeiros. Somente para citar um exemplo, em 1957, o Pe. Paul Ramlot fez uma apresentação com o título “Podemos fazer um mundo melhor?”.

Esporadicamente ocorriam encontros como a “Noite de convivência”, reuniam-se na sede do Centro para participar de uma palestra e discutir sobre o respectivo assunto. Para terem uma ideia sobre a grandiosidade e variedade dos temas abordados, em outubro de 1955, Gustavo Corção<sup>16</sup> palestrou sobre a lírica de Camões (Notícias do Centro Dom Vital, 1955, v. LIV, n. 6, p. 79).

Também nestas mesmas salas, em outro dia da semana, também aconteciam sessões cinematográficas, no período da noite, e após o filme realizavam uma discussão sobre o tema e demais questões relacionadas<sup>17</sup>. (Notícias do Centro Dom Vital, 1955, v. LIX, n. 2, p. 76).

Conforme já mencionado, as metas do Centro eram reunir e formar o laicato católico, sendo assim, para alcançar tais objetivos, os cursos oferecidos pelo Centro Dom Vital foram fundamentais. Existiam dois tipos de cursos: os regulares e aqueles que aconteciam apenas durante o período de férias.

Os cursos regulares, com calendário fixo durante o ano letivo, contemplavam as seguintes áreas: religião, filosofia, política e língua portuguesa. E a partir destas grandes áreas os professores propunham o estudo e a discussão de determinados temas<sup>18</sup>. Quanto aos cursos de férias, estes aconteciam de duas a três aulas semanais, no horário das 18h às 18h, entre os meses de janeiro e fevereiro.

---

<sup>16</sup> “Gustavo Corção Braga nasceu no Rio de Janeiro, então Distrito Federal, no dia 17 de dezembro de 1896 [...] A morte de sua mulher, Dina Paiva, em 1936, desencadeou uma grave crise existencial [...] Decidido a encontrar uma nova diretriz para sua vida, aprofundou-se na leitura das obras dos pensadores católicos Gilbert Chesterton e Jacques Maritain, aproximando-se gradativamente da religião. Converteu-se definitivamente em 1939, quando, por intermédio de Carlos Chagas Filho, veio a conhecer Alceu Amoroso Lima, na época presidente do Centro Dom Vital, associação civil para o estudo, a discussão e o apostolado, vinculada à Igreja. Sob a influência desse líder católico, passou a estudar a filosofia tomista [...]. A conversão ao catolicismo despertou sua vocação literária, levando-o, ainda em 1939, a colaborar na revista *A Ordem*, uma publicação do Centro Dom Vital”. Para maiores informações, ver: Gustavo Corção. Disponível em: <<http://www.fgv.br/cpdoc/acervo/dicionarios/verbete-biografico/gustavo-corcao-braga>>. Acesso em 06.01.2016.

<sup>17</sup> NOTÍCIAS DO CENTRO DOM VITAL. Atividades do mês de dezembro de 1957. *A Ordem*. Rio de Janeiro, v. LIX, n.º. 2, p. 76, 1958.

<sup>18</sup> A título de conhecimento: a partir de abril do ano de 1958 foram oferecidos os seguintes cursos regulares: às terças-feiras, “Ideia de Vida Cristã”, ministrado por Dom Timoteo Amoroso Anastácio; às quartas-feiras, “Problemas contemporâneos”, sob responsabilidade do prof. Gustavo Corção; e às quintas-feiras, o curso lecionado por Dom Justino Paoliello recebia o título de “A inteligência em face de Deus”. Ver: NOTÍCIAS DO CENTRO DOM VITAL. Atividades do mês de abril de 1958. *A Ordem*. Rio de Janeiro, v. LIX, n.º. 6, p. 53-58, 1958. / No mês de maio de 1958, teve início mais dois cursos: “O Existencialismo de Kierkegaard”, que aconteceu as sextas-feiras, quinzenalmente, com o professor Henrique J. Hargreaves; e um segundo curso “Regimes Políticos”, dirigidos por Alceu Amoroso Lima, semanalmente às segundas-feiras. Ver: NOTÍCIAS DO CENTRO DOM VITAL. Écos da sessão inaugural das atividades de 1958. *A Ordem*. Rio de Janeiro, v. LX, n.º. 1, p. 64, 1958. / No ano de 1955, o professor Gladstone Chaves de Melo ofereceu os seguintes cursos “Machado de Assis, defensor do homem” e “Modernismo Brasileiro”. Ver: REGISTROS. Notícias do Centro Dom Vital. *A Ordem*. Rio de Janeiro, v. LIII, n.º. 6, p. 82-83, 1955.

Uma novidade que surgiu a partir de maio de 1955, foi que o Centro inaugurou mais um serviço ao apostolado e a sociedade, chamado de “A Porta Aberta”, tratou-se de um plantão diário para atender dúvidas em assuntos filosóficos ou religiosos. (Registros, 1955, v. LIII, n. 6, p. 81-2).

Dada a quantidade e diversidade de funções desenvolvidas pelo Centro D. Vital, e visando um melhor entendimento, estas foram separadas aqui em dois grupos, conforme já mencionado. O segundo grupo de atividades diz respeito àquelas mais diretamente relacionada ao campo religioso.

Dentre as principais ações está a Missa dialogada<sup>19</sup>, a qual acontece um domingo por mês. Vale lembrar que esta metodologia foi incorporada após a difusão do Movimento Litúrgico pelos alunos de D. Martinho Michler.

Realizavam também com certa periodicidade os “Retiros”, em data e local previamente agendados, eram oferecidos retiros individuais ou em coletivo (grupos pequenos); e ainda, peregrinações ao Santuário de Nossa Senhora de Aparecida. (Registros, 1955, v. VLIII, n. 6, p. 82)

Estes encontros noturnos no Centro, seus cursos e demais eventos em muito contribuem para uma maior aproximação entre os sócios e demais frequentadores do Centro. E defendendo a importância destas reuniões, que um dos articulistas d’*A Ordem* publica:

Parece pouco o que fazemos: aulas, conferência e publicações; mas esse pouco, se tivesse sido colocado no itinerário dos desvarios, poderia deter a avalanche do marxismo e do racismo, porque - notem bem! - foi com aulas, conferências e publicações que essas histórias começaram. Ajudem-nos pois a ajudar!. (Notícias do Centro Dom Vital, 1955, v. LIV, n. 4, p. 92).

### ***Renovação das esperanças***

Continuando e trazendo mais elementos para a reflexão sobre a trajetória e relevância do Centro Dom Vital dirigido por Alceu Amoroso Lima, um acontecimento bastante relevante não pode deixar de ser enfatizado: a fundação da Ala Moça do Centro Dom Vital.

Um grupo composto por universitários e jovens recém-formados ganhou vida institucional no dia 04 de novembro de 1957, embora sendo integrado ao Cento Dom

---

<sup>19</sup> Missa dialogada: “Nela, o leigo passava a dividir com o celebrante a participação no ofício litúrgico. Isto é, a assembléia foi incluída na estrutura dialogante da cerimônia”. Ver: COSTA, M. T. Um itinerário no século: mudança, disciplina e ação em Alceu Amoroso Lima. São Paulo: Loyola, 2006.p. 146.

Vital, este movimento possuía algumas especificidades e autonomia em relação os seus métodos.

Este movimento pode ser considerado como uma continuação, depois de trinta anos, da Ação Universitária Católica<sup>20</sup>. A fim de esclarecer sobre esta instituição que surgia, publicou-se n<sup>o</sup> *A Ordem*:

A fundação da ala moça do Centro, portanto, não vem inovar coisa alguma. Não é uma nova associação. É apenas o **rejuvenescimento** dos quadros do Centro, pela entrada e participação mais ativa da juventude católica, universitária ou não, nos trabalhos do Centro (Notícias do Centro Dom Vital, 1958, v. LIX, n. 2, p. 74).

Sem promessas de ser algo original e inovador, o Centro percebeu a importância de acolher jovens, que tivessem o desejo de participar e ter uma maior vivência do catolicismo. (Notícias do Centro Dom Vital, 1958, v. LIX, n. 6, p. 56). Ao se referir a fundação desta Instituição, a palavra que se destaca no texto é “*rejuvenescimento*”, visto em sentido literal uma vez que os integrantes deste grupo eram bem mais novos do que os veteranos do Centro, inclusive diversos deles eram filhos daqueles que anos atrás encorajaram a fundação da AUC (Notícias do Centro Dom Vital, 1958, v. LIX, n. 2, p. 74). Em outro sentido, era também visto como a fonte das novas ideias, novos projetos, como o futuro do Centro Dom Vital.

Estes moços e moças vistos como continuadores dos exemplos de 1929 trazem a possibilidade de “sangue novo” aos ideais do Centro. Além de suas atividades, estes jovens também colaboraram com artigos para *A Ordem*.

Embora o auge da atuação do Centro Dom Vital tenha sido os anos de 1920 e 1930, seguido de um período de dificuldades nos de 1940, um novo panorama se apresenta a partir da atuação de jovens universitários, no final da década de 1950, o Centro floresceu novamente.

No evento inaugural das atividades do Centro de 1958, Sr. Luiz Orlando de Carneiro, um membro da Ala Moça, realiza o discurso, no qual relembra sobre a fundação do Centro e reafirma o seu papel na formação de uma mentalidade cristã, e completa dizendo que a Ala Moça está ciente e deseja contribuir o projeto iniciado por

---

<sup>20</sup> A A.U.C. (1929) foi o primeiro movimento da mocidade católica, chegaram a criar uma revista própria “A Vida”, diversas foram suas principais conquistas, dentre elas o aumento das vocações. Esta associação abriu caminhos para a futura Juventude Universitária Católica - JUC. Ver: NOTÍCIAS DO CENTRO DOM VITAL. A Ala Moça do C.D.V. *A Ordem*. Rio de Janeiro, v. LIX, n<sup>o</sup>. 2, p. 74, 1958; INSTITUTO NACIONAL DE PASTORAL (org.) *Presença pública da igreja no Brasil (1952-2002): jubileu de ouro da CNBB*. São Paulo: Paulinas, 2003. p. 25.

Jackson de Figueiredo. (Notícias do Centro Dom Vital, 1958, v. LIX, n. 6, p. 55). Nesta mesma apresentação, salientou:

O Centro D. Vital sentiu a necessidade de uma renovação, sentiu a importância de aconchegar jovens, que tivessem o desejo de participar desta obra, que é apostolar, e derramar no seu meio de vida e trabalho, no seio de sua geração, uma vivência maior do catolicismo (Notícias do Centro Dom Vital, 1958, v. LIX, n. 6, p. 55).

A nova geração vive em um ambiente bastante distinto do qual viveu os pioneiros do Centro. “*O delírio da velocidade, os problemas da conquista do Espaço e o desejo de penetrar a intimidade do átomo preocupam o mundo atual*” (Notícias do Centro Dom Vital, 1958, v. LIX, n. 6, p. 56).

Os homens preocupando-se muito com as questões do próprio homem, acabam deixando pouco tempo para a vida católica, a vivência em comunidade é cada vez mais afetada, uma vez que a tendência egoísta ganha força.

E conforme publicação d’*A Ordem*, lutando contra este panorama, a preocupação do Centro deve ser sempre a de irradiar o “calor da vida católica”. (Notícias do Centro Dom Vital, 1958, v. LIX, n. 6, p. 57).

### ***Considerações Finais***

Pensar os posicionamentos tomados pelo Centro Dom Vital nos tempos da administração de Alceu Amoroso Lima requer lembrar-se do que escreveu Villaça, o qual destacou que as mudanças após a sucessão na presidência foram profundas, afinal o grande espírito político fora substituído por um universitário, dando início a uma fase mais cultural e propriamente religiosa no movimento católico leigo no Brasil (VILLAÇA, 1975, p. 13)

De fato o Centro não era mais o mesmo do primeiro decênio de sua fundação. Mudanças significativas ocorreram no contexto mais geral da sociedade brasileira em termos econômicos e sociais. A expansão da indústria e da urbanização tornaram a sociedade mais complexa e mais diversificada em termos de interesses, necessidades e desejos, nos seus vários segmentos sociais. Mudanças importantes também na própria estrutura organizacional da Igreja Católica. A posição de Igreja privilegiada durante o Governo Vargas, bem como a atuação unificadora e articuladora de lideranças fortes e orientadas por objetivos claros, resultaram no final dos anos de 1940 e início de 1950 num aparato institucional novo e com abrangência nacional. Com Alceu Amoroso Lima,

o Centro foi reorganizado em torno de uma proposta cunhada na educação e não na militância política, como foi no tempo de Jackson de Figueiredo.

A partir dos anos 1930 observou-se uma irradiação do Centro D. Vital, seja ela em âmbito intelectual ou religioso, e para cada uma destas esferas, têm-se exemplos significativos: o Instituto Católico de Estudos Superiores e a Ação Universitária Católica. E apesar de não ser mais o foco principal, os intelectuais do Centro D. Vital estiveram também presentes no campo político com a LEC - Liga Eleitoral Católica.

Existiu um nexos de coesão entre os propósitos do Centro D. Vital, da Ação Universitária Católica e do Instituto Católico de Estudos Superiores. Os três investiram na concepção de uma cultura católica e na formação de leigos, para que estes pudessem atuar na sociedade defendendo os princípios e valores católicos. Nesse sentido, desempenharam um papel importante no processo mais abrangente da chamada neocristandade.

E como as duas últimas surgiram como um desdobramento do Centro D. Vital, isso pode nos fornecer elementos para elucidar uma reflexão sobre a multiplicação de suas ações, após a morte do seu fundador, Jackson de Figueiredo.

O Centro do “Reflorescimento Católico”, conforme qualifica Bruneau (1974, p. 89), não se manteve fechado nos limites de sua sede e de seus sócios, mas ampliou suas possibilidades para que outras associações surgissem e se juntassem a ele na luta contra os males da modernidade e em defesa da fé católica. Além de toda inovação que indiretamente o Centro trouxe para a Igreja no Brasil, com pensadores que instigaram o estudo de uma democracia cristã e de um movimento litúrgico, por exemplo.

Sobre as contribuições ligadas diretamente ao campo religioso, como já vimos anteriormente, o incentivo vindo das atividades promovidas pelos intelectuais católicos e religiosos de grande renome, inspirou jovens a se dedicarem a vida religiosa no Brasil, e nas palavras de Amoroso Lima, esta renovação da vida monástica *“foi [...] o mais forte papel que o Centro D. Vital representou naquele momento decisivo na revolução de nossas instituições e na renovação de nossa cultura”*. (LIMA < 1958, v. LX, n. 55, 1958).

No campo intelectual, novos cursos e debates foram promovidos, novas correntes de pensamento foram apresentadas em solo brasileiro. No campo político, observaram-se as conquistas da LEC.

E tudo isso implicou positivamente em uma expansão geográfica do próprio Centro em si, o qual passou de uma única sede, em 1928, para o *“número de treze unidades em 1937”* (ARDUINI, 2014, p. 61). Foram fundadas filiais do Centro Dom Vital em diversas outras cidades do país, tais como: *“Rio, Recife, S. Paulo, Aracaju, S. João d’El Rey, Belo-Horizonte, Baía, Juiz de Fora, Porto-Alegre, Fortaleza e Itajubá”* (A Ordem, 1933, n. 41, p. 807).

A atuação do Centro ao longo de todos esses anos encontrou muitas possibilidades, todavia também se deparou com limitações como, por exemplo, anos com menor número de sócios, dificuldades financeiras, entre outras.

Os anos 1940 foram os mais árduos para o Centro, sendo duramente atingido após as perdas irreparáveis: Dom Sebastião Leme (1942) e Pe. Leonel Franca (1948). Sobre este cenário, Bruneau completa dizendo que “O Centro ainda existe e Alceu Amoroso Lima ainda é seu Presidente, mas não foi capaz de se renovar”. (BRUNEAU, 1974, p. 89). Porém, como vimos no final dos anos de 1950, a Ala Moça surge renovando as esperanças dos veteranos do Centro Dom Vital.

### **Fontes - Revista Vida**

Ação Universitária Católica: almoço aos calouros. *Revista Universitária Vida*. Rio de Janeiro, n.º 3, ano I, p. 6, 1934.

LIMA A. A. Um ano de Vida. *Vida Revista Universitária Católica*. Rio de Janeiro, n.º 12, ano II, p. 1 1935.

Plano de Ação. *Vida Revista Universitária*. Rio de Janeiro, n.º 1, ano 1, p. 1, 1934.

### **Fontes - Revista A Ordem<sup>21</sup>**

1932-1933. *A Ordem*. Rio de Janeiro, n.º 41, p. 799-810, 1933.

ATHAYDE, T. Colligação Catholica Brasileira: esboço histórico e constituição. *A Ordem*. Rio de Janeiro, n.º 58, p. 345-354, 1935.

Avanço lento, mas seguro. *A Ordem*. Rio de Janeiro, n.º 72, p. 272-274, 1936.

BARBOSA, Dom M. Palavras de congratulação. *A Ordem*. Rio de Janeiro, v. LVIII, n.º 2, p. 9-11, 1957.

CORÇÃO, G. O que o mundo espera da Igreja. *A Ordem*. Rio de Janeiro, v. LVIII, n.º 2, p. 18-26, 1957.

Inauguração da nova sede. *A Ordem*. Rio de Janeiro, v. LVIII, n.º 2, p. 5, 1957.

ISNARD, Dom C. G. O papel de D. Martinho no movimento católico brasileiro. *A Ordem*, Rio de Janeiro, n.º 12, p. 5-15, 1946.

LEME, S. Em torno da Ordem. *A Ordem*, Rio de Janeiro, v. 1 (Nova Série), n.º 1-2 Especial, p. 384, 1929.

LIMA, A. A. Discurso de abertura. *A Ordem*. Rio de Janeiro, v. LVIII, n.º 2, p. 11-17, 1957.

\_\_\_\_\_. Notas para a história do Centro Dom Vital. *A Ordem*. Rio de Janeiro, v. LVIII, n.º 4, p. 50-55, 1957.

<sup>21</sup> A referência de alguns fascículos encontra-se sem a descrição do “volume”, o qual não foi possível localizar, uma vez que as páginas iniciais da revista não se encontram disponíveis para acesso.

- \_\_\_\_\_. Notas para a história do Centro Dom Vital II. *A Ordem*. Rio de Janeiro, v. LVIII, n° 5, p. 57-63, 1957.
- \_\_\_\_\_. Notas para a história do Centro Dom Vital III. *A Ordem*. Rio de Janeiro, v. LVIII, n° 6, p. 36-42, 1957.
- \_\_\_\_\_. Notas para a história do Centro Dom Vital IV. *A Ordem*. Rio de Janeiro, v. LIX, n° 1, p. 63-68, 1958.
- \_\_\_\_\_. Notas para a história do Centro Dom Vital V. *A Ordem*. Rio de Janeiro, v. LIX, n° 2, p. 65-70, 1958.
- \_\_\_\_\_. Notas para a história do Centro Dom Vital VI. *A Ordem*. Rio de Janeiro, v. LIX, n° 3/4, p. 93-99, 1958.
- \_\_\_\_\_. Notas para a história do Centro Dom Vital VII. *A Ordem*. Rio de Janeiro, v. LIX, n° 5, p. 59-64, 1958.
- \_\_\_\_\_. Notas para a história do Centro Dom Vital VIII. *A Ordem*. Rio de Janeiro, v. LIX, n° 6, p. 39-45, 1958.
- \_\_\_\_\_. Notas para a história do Centro Dom Vital IX. *A Ordem*. Rio de Janeiro, v. LX, n° 1, p. 50-56, 1958.
- \_\_\_\_\_. Notas para a história do Centro Dom Vital X. *A Ordem*. Rio de Janeiro, v. LX, n° 2, p. 70-76, 1958.
- \_\_\_\_\_. Notas para a história do Centro Dom Vital XI. *A Ordem*. Rio de Janeiro, v. LX, n° 3, p. 62-68, 1958.
- \_\_\_\_\_. Notas para a história do Centro Dom Vital XII. *A Ordem*. Rio de Janeiro, v. LX, n° 4, p. 52-57, 1958.
- \_\_\_\_\_. O Brasil Católico. *A Ordem*. Rio de Janeiro, v. LVII, n° 2 e 3, p. 5-11, 1957.
- Mais um ano de trabalho. *A Ordem*. Rio de Janeiro, n° 33, p. 325-339, 1932.
- NOTÍCIAS DO CENTRO DOM VITAL. A Ala Moça do C.D.V. *A Ordem*. Rio de Janeiro, v. LIX, n° 2, p. 73-76, 1958.
- NOTÍCIAS DO CENTRO DOM VITAL. Atividades do mês de abril de 1958. *A Ordem*. Rio de Janeiro, v. LIX, n° 6, p. 53-58, 1958.
- NOTÍCIAS DO CENTRO DOM VITAL. Atividades do mês de dezembro de 1957. *A Ordem*. Rio de Janeiro, v. LIX, n° 2, p. 76, 1958.
- NOTÍCIAS DO CENTRO DOM VITAL. Centro Dom Vital de S. Paulo. *A Ordem*, Rio de Janeiro, v. LIV, n° 5, p. 92, 1955.
- NOTÍCIAS DO CENTRO DOM VITAL. Écos da sessão inaugural das atividades de 1958. *A Ordem*. Rio de Janeiro, v. LX, n° 1, p. 61-65, 1958.
- NOTÍCIAS DO CENTRO DOM VITAL. Programa das atividades do C. D. Vital em outubro e novembro. *A Ordem*. Rio de Janeiro, v. LIV, n° 6, p. 79-81, 1955.

- NOTÍCIAS DO CENTRO DOM VITAL. Ajudem-nos a Ajudar. *A Ordem*. Rio de Janeiro, v. LIV, nº. 4, 90-93, 1955.
- Perguntas e Respostas. *A Ordem*. Rio de Janeiro, v. LXII, nº. 4, p. 72, 1959.
- REGISTROS. Notícias do Centro Dom Vital. *A Ordem*. Rio de Janeiro, v. LIII, nº. 6, p. 81-84, 1955.
- REGISTRO. Semana Leonel Franca. *A Ordem*. Rio de Janeiro, v. LX, nº. 4, p. 58, 1958.
- REGISTROS & COMENTÁRIOS. Adeus à Praça 15. *A Ordem*. Rio de Janeiro, v. XLVIII, nº 6, p. 77, 1952.
- ROCHA, Pe. Z.. A Igreja, os cristãos e o mundo. *A Ordem*. Rio de Janeiro, v. LIX, nº 1, p. 7-27, 1957.

### **Bibliografia**

- ARDUINI, G. R. Em busca da Idade Nova: Alceu Amoroso Lima e os projetos católicos de organização social (1928-1945). 2009. Dissertação (Mestrado) - Universidade Estadual de Campinas.
- \_\_\_\_\_. Os soldados de Roma contra Moscou: a atuação do Centro Dom Vital no cenário político e cultural brasileiro (Rio de Janeiro, 1922-1948). 2014. Tese (Doutorado em Sociologia) – Universidade de São Paulo.
- AZZI, R. O início da Restauração Católica no Brasil (1920-1930). *Revista de Filosofia - Síntese*, v. 4, nº. 10, p. 61-89, 1977.
- \_\_\_\_\_. O fortalecimento da Restauração Católica no Brasil (1930-1940). *Revista de Filosofia - Síntese*, v. 6, nº. 17, p. 69-85, 1979.
- \_\_\_\_\_. A Igreja e o Estado no Brasil: um enfoque histórico. *Revista Perspectiva Teológica*, nº. 29 a 31, p. 7-17, 1981.
- \_\_\_\_\_. *A Neocristandade: um projeto restaurador*. Coleção História do Pensamento Católico no Brasil – V. São Paulo: Paulus, 1994.
- \_\_\_\_\_. *Os pioneiros do Centro Dom Vital*. Rio de Janeiro: Educam, 2003.
- AZZI, R.; VAN DER GRIJP, K. *História da igreja no Brasil: ensaio de interpretação a partir do povo*. Petrópolis: Vozes, 2008.
- BEOZZO, J. O. A Igreja entre a revolução de 1930: o Estado Novo e a Redemocratização, IN: FAUSTO, B. (dir.). *História Geral da Civilização Brasileira*. 2ª edição. Tomo III - O Brasil Republicano. V. 4. Economia e cultura (1930-1964). São Paulo: DIFEL - Difusão Editorial, 1986.
- \_\_\_\_\_. *Cristãos na Universidade e na Política: história da JUC e da AP*. Petrópolis, RJ: Vozes, 1984.
- BRUNEAU, T. *Catolicismo brasileiro em época de transição*. São Paulo: Loyola, 1974.

- COSTA, J. W. B. *Dom Leme e os movimentos religiosos de massas: a proposta de ordem cristã para o Brasil*. 2013. Dissertação (Mestrado em Ciências da Religião) - Pontifícia Universidade Católica de Minas Gerais.
- COSTA, M. T. *Um itinerário no século: mudança, disciplina e ação em Alceu Amoroso Lima*. São Paulo: Loyola, 2006.
- IGLESIAS, F. *História e Ideologia*. São Paulo: Perspectiva, 1971.
- LUSTOSA, Oscar F. *A Igreja Católica no Brasil República*. São Paulo: Paulinas, 1991.
- \_\_\_\_\_. Separação da Igreja e do Estado no Brasil (1890): uma passagem para a libertação. *Revista Eclesiástica Brasileira*, Petrópolis, v. 35, n. 130, 1975.
- \_\_\_\_\_. A presença da Igreja no Brasil. IN: SANTOS, B.B. (Org.). *A religião do povo*. São Paulo: Paulinas, 1978.
- MAINWARING, S. *Igreja Católica e política no Brasil (1916-1985)*. São Paulo: Editora Brasiliense, 1989.
- RODRIGUES, C. M. *A Ordem: uma revista de intelectuais católicos (1934-1945)*. Belo Horizonte: Autêntica; São Paulo: Fapesp, 2005.
- \_\_\_\_\_. *Alceu Amoroso Lima: matrizes e posições de um intelectual católico militante em perspectiva histórica (1928-1946)*. 2006. Tese (Doutorado em História e Sociedade) - Faculdade de Ciências e Letras de Assis, Universidade Estadual de São Paulo.
- \_\_\_\_\_. Exponentes do pensamento conservador e intelectuais católicos no Brasil: apropriações e transições, IN: Anais do V Simpósio Internacional Lutas Sociais na América Latina. Set/2013. p. 30-44.
- SALEM T. Do Centro Dom Vital a universidade católica. IN: SCHWARTZMAN, Simon (Org.). *Universidades e instituições científicas no Rio de Janeiro*. Brasília: CNPq, 1982. p. 97-134.
- VELLOSO, M. P. A Ordem: Uma Revista de Doutrinação, Política e Cultura Católica. *Revista de Ciência Política*, v. 21, n.º. 3, p. 117-159, 1978.
- \_\_\_\_\_. *Os intelectuais e a política cultural do Estado Novo*. Rio de Janeiro: Centro de Pesquisa e Documentação de História Contemporânea do Brasil, 1987.
- VILLAÇA, A. C. Alceu Amoroso Lima: do agnosticismo ao catolicismo militante. IN: PAIN, A. F. *Alceu Amoroso Lima (1893-1983): Bibliografia e Estudos Críticos*. Salvador: CDPB, 1987. P. 29-34.
- \_\_\_\_\_. *O Pensamento Católico no Brasil*. Rio de Janeiro: Ed. Vozes, 1975.